

JOSÉ GASPAR DE OLIVEIRA NASCIMENTO (*)

AS IDÉIAS DE SÍLVIO ELIA
SOBRE A LÍNGUA DO BRASIL

ABSTRACT

The author presents Silvio Elias's - ideas about the Portuguese language spoken in Brazil whose start point has rested on some of the basic works of this famous Brazilian philologist.

RESUMO

O Autor apresenta neste trabalho as idéias de Sílvio Elia sobre a língua portuguesa falada no Brasil, a partir de quatro obras daquele grande filólogo patri--cio.

(*) José Gaspar de Oliveira Nascimento é professor assistente de Língua Latina e Literatura Latina, na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Sorocaba.

O presente trabalho destina-se aos jovens estudantes do vernáculo. É uma singela contribuição aos estudos de Filologia, tarefa por demais amena, haja vista que sou profundo admirador da inteligência de Sílvio Elia, notável filólogo brasileiro.

Foram quatro as obras lidas e aqui comentadas (vide bibliografia), das quais pude extrair

As idéias de Sílvio Elia
sobre a língua do Brasil

P L A N O

1. "O problema da língua brasileira"

Introdução - história dos estudos lingüísticos;

- a) A natureza do fato lingüístico;
- b) Português e Brasileiro;
- c) Variadas posições de estudiosos brasileiros;
- d) Conclusão do autor.

2. "Preparação à lingüística românica"

A evolução dos estudos românicos;

- a) A direção dialetológica;
- b) A Geografia Lingüística;
- c) Os Atlas Lingüísticos;
- d) Dialeto românicos.

3. "A unidade lingüística do Brasil"

Perspectivas socioculturais; conclusões;

- a) A Língua Geral;
- b) As Línguas Crioulas.

4. "Ensaio de filologia"

Unidade e diversidade fonética do português do Brasil.

5. Considerações finais.

6. Bibliografia.

1. "O Problema da Língua Brasileira"

Introdução - história dos estudos lingüísticos.

Inicialmente, Sílvio Elia pretende - salientar os traços mais gerais na evolução da ciência da linguagem, a partir exatamente da rotura renascentista.

Critica os primeiros gramáticos franceses que quiseram aplicar às línguas românicas o sistema gramatical latino de conjugação e declinação ajustável apenas a este último

À escola de Port-Royal sucedeu, como reação, a descoberta do sânscrito (1783). - O latim deixa de ser modelo. Assim, os estudos lingüísticos perderam a sua base lógica para assentar numa outra base, meramente *histórica*. Despontaram pois, as inteligências alemãs. Dentre os alemães mais notáveis está Franz Bopp, o pai da moderna ciência da linguagem. "Sistema da Conjugação do Sânscrito" é a sua obra marcante. Escreveu também "Gramática Comparada". Ao prestígio do latim sucedeu o do indo-germânico. Colocou-se a lingüística como uma espécie de história natural das línguas. Para Whitney, porém, a lingüística era uma ciência histórica e não natural, como queria ao declarar em seu livro "La Linguistique" que as línguas nascem, crescem, definham e morrem.

O verdadeiro método do positivismo - lingüístico vai aparecer na terceira fase, a da "gramática histórica". Foram os alemães os fundadores. Essa nova escola - denominada dos neogramáticos - combateu a síntese apressada do biologismo lingüístico. Os lingüístas passaram a estudar a língua pela língua e a descobrir nela relações

e leis de desenvolvimento e os princípios que pregavam eram o da constância das leis fonéticas e o da analogia.

Em Portugal, Gonçalves Viana aplicou os princípios fonéticos à reforma ortográfica, que acabou vitoriosa lá e também entre nós. No Brasil, José Oiticica se apresentou em concurso com original tese sobre *fonologia*, termo com que designava o que então se chamava "Fonética".

A nova Linguística passava a interessar-se pela linguagem oral.

Em consequência, tomam grande impulso os estudos dialetais. A Dialectologia foi um produto da Fonologia. Entre nós, os principais trabalhos são o de Antenor Nascentes, o de Mário Marroquim e o de Amadeu Amaral.

Com os neogramáticos, a Linguística pôs acima da linguagem escrita a linguagem oral e, portanto, acima da língua literária os dialetos.

Tal posição apresentava muitos pontos fracos, sendo o mais importante aquele que construía sobre as línguas uma teoria científica de caráter "físico".

Houve uma mudança de rumo dos estudos lingüísticos, voltando da Alemanha para a França. É exatamente o nome de Meillet que simboliza essa reação, responsável pelo movimento moderno da Sociologia Linguística. Constituem a escola dos neolingüístas, com Meillet, Saussure, Gilliéron, Ascoli, Wundt, Schuchardt, Vossler e J. Van Ginneken.

Os neolingüístas partem em busca, não das leis históricas, mas das leis gerais da linguística. Surge a Linguística-

Geral, para a qual há um elemento cujas circunstâncias provocam perpétuas variações, ora rápidas, ora lentas, nunca, porém, interrompidas: é a estrutura da sociedade. - Deve-se aproximar os fatos lingüísticos -- dos fatos sociais, mostrando-se como aqueles dependem destes.

A posição de Gilliéron também é empiricista. Os seus métodos de Geografia Lingüística têm conseguido muita voga. Gilliéron restituiu à palavra a sua dignidade; também, após a publicação do Atlas Lingüístico da França, quase não se ocupará mais com a Fonética; daí em diante, para ele a história dos fonemas não terá importância senão enquanto explicar a história das palavras.

Há, pois, profunda diferença entre Meillet e Gilliéron. Meillet aceita o método fonético, embora como fase preparatória. Gilliéron aceita-o na medida em que não -- contrarie o espírito de suas investigações. Para a Geografia Lingüística as variações vocabulares referentes à mesma coisa ou ao mesmo conceito e verificadas num território dado (Atlas Lingüístico da França, por ex.) devem constar do Atlas. Por isso, há necessidade de um trabalho prévio de inquérito, baseado num questionário elaborado pelo lingüista que orienta os trabalhos. O exemplo clássico das excelências do novo método é o da carta *abeille*, abelha, na Gália Romana.

A biologia e a sociologia são o centro das preocupações científicas de Gilliéron. A Geografia Lingüística não é, principalmente, Sociologia Lingüística. Mas tem com ela muitos pontos de contato.

Uma terceira posição renovadora e empírica é a de Saussure, cujo ponto de vista é mais propriamente psico-sociológico.

A classificação da Linguística por Saussure continha elementos em equilíbrio-instável, tanto que discípulos do mestre - suíço, uns enveredaram pela trilha sociológica, outros pela psicológica, todos dizendo-se saussurianos.

Sobre essas três posições Sílvio Elia diz que aceita o ponto de vista geral de Meillet, em oposição ao histórico; que reconhece a fertilidade do método geográfico de Gilliéron; por último, que fica com a linguística de Saussure, impropriamente -- chamada estática.

A seguir, Sílvio Elia refere-se a um segundo grupo de linguistas: Van Ginneken e Vossler, para os quais a linguagem é um fato individual. Na doutrina de Vossler o que há de fundamental é a reação contra o positivismo linguístico.

Saussure deu precedência à língua sobre a fala, isto é, pôs a convenção acima da criação. E aqui entra Vossler com a sua crítica, afirmando que a convenção, a gramática, o dicionário são o peso morto. Estudá-los como coisa em si é estudar o nada.

Todos esses autores, porém, representam uma reação contra a velha linguística.

a. A Natureza do Fato Linguístico

A tese de que a língua é um fato social parece provada de maneira irretorquível. A língua é um sistema, um todo que se impõe aos indivíduos, como as demais instituições sociais.

Para Sílvio Elia a questão da exis--

tência da língua brasileira, como problema essencialmente de língua, é um problema sociológico. Será junto à Sociologia que ele irá buscar elementos capazes de esclarecer problema tão debatido.

Classifica a Linguística entre as -- ciências práticas, nas quais se insere a Sociologia.

Encerra o capítulo dizendo que a natureza do fato lingüístico é estilística. - A Estilística é o estudo afetivo, ou antes, expressivo dos fatos lingüísticos. A Estilística é a humanização da ciência da linguagem. É ela que aproxima a fala do homem, que está colocado entre a impressão e a expressão. Para o A., Estilística corresponde ao que Saussure chamou de lingüística da - fala, diferenciando-se da lingüística da - língua. A primeira de natureza individual, a segunda de natureza social.

Conclui, afirmando que o problema da língua brasileira é de lingüística da língua, portanto de caráter social: um problema de Sociologia Linguística.

b. Português e Brasileiro

Sílvio Elia começa citando diversos trabalhos sobre o português do Brasil. Trabalhos de : Renato Mendonça, Antenor Nascentes e João Ribeiro.

Segundo João Ribeiro, o primeiro escrito teórico sobre os brasileirismos se deve ao Visconde de Pedra Branca, publicado em Paris, em língua francesa, em 1826. -

Coube, porém, a José de Alencar a -- responsabilidade da vulgarização do rumoro

so "dialeto brasileiro" entre nossos literatos.

Segundo Renato Mendonça, a fase dialetológica do português no Brasil inicia-se a partir de 1920, com o trabalho de A. Amaral, "O Dialeto Caipira".

A seguir, Sílvio Elia repele como in verdades as doutrinas que fazem das línguas um produto *natural*, desconhecendo nelas o elemento *cultural*, ou antes, espiritual, em consonância com a tese de D. Ramón Menéndez Pidal, que repele a Lingüística como uma ciência natural, afirmando ser ela uma ciência cultural.

c. Variadas posições de estudiosos

A Posição de Virgílio de Lemos

Virgílio de Lemos escreveu "A Língua Portuguesa no Brasil", 1916. Curioso: obra apresentada no 5º Congresso de Geografia, - em Salvador. Para o autor, o livro é um ligeiro estudo de geografia lingüística e -- tem como objetivo apreciar as transforma--ções da língua portuguesa no Brasil, por in--fluência das especiais condições geográficas e etnográficas da colônia luso-america--na. Para Sílvio Elia não se trata de um estudo de Geografia Lingüística.

Virgílio já então reclamava a consti--tuição de uma ciência dialetológica no -- Brasil, que desse conta das diferenciações brasileiras dentro do domínio lingüístico-português, criticando o caráter empírico e primitivo dos estudos dialetológicos no - Brasil.

O apelo ao naturalismo lingüístico - levou-o simplesmente a "reabilitar" os fa-

lares rurais brasileiros, como objetos tão dignos de estudo quanto as línguas literárias. Esse apelo não vai a ponto de transformar esse *dialeto brasileiro* na língua-padrão do Brasil.

Na opinião de Virgílio de Lemos a -dialectação do português no Brasil se processou em dois momentos históricos sucessivos: numa primeira fase, a língua *degenerou* de suas formas naturais e legítimas, *barbarizando-se* na boca das gentes incultas; numa segunda fase, a linguagem, já -então bastante modificada, entrou a disciplinar-se, procurando aproximar-se dos velhos e bons padrões metropolitanos. Para Virgílio de Lemos foi na primeira fase -- que surgiu o *dialeto brasileiro*, que subjaz nas próprias pessoas cultas. Essa afirmação final é errônea, segundo Sílvio Elia, pois Virgílio de Lemos tocou na questão -da pronúncia que nada tem de força incoercível recalcada para o subconsciente.

Como quer que seja, Virgílio de Lemos não foi um partidário da elevação da língua popular do Brasil ao nível de língua padrão da nacionalidade. E nisso estava certo, segundo Sílvio Elia.

A Posição de Renato Mendonça

Encontramo-la no seu livro "O Português do Brasil". Discípulo de Gilliéron, -descreve os métodos de Geografia Linguística, mas não os aplica por não ter colhido o material. Renato Mendonça reconhece diferenças no português do Brasil. Re--crimina os que se opuseram à corrupção ou ao "abrasileiramento da língua".

Sílvio Elia acha a posição de Renato Mendonça naturalista e, como tal, insuficiente. Renato Mendonça se limitou às questões laterais, não mergulhando a fundo na essência do problema.

A Posição do Prof. Antenor Nascentes

Criticando o prefácio do Dicionário-Etimológico de Antenor Nascentes, em que este diz "Bem sei que em meu país os patriotas vão irritar-se comigo por causa disto, mas quem tem a seu lado uma razão de ordem científica, não se apega a patriotadas", - Sílvio Elia afirma não ser justo considerar, cientificamente, língua portuguesa a que se fala em Portugal. Se assim fosse, a que se fala no Brasil será então brasileira. Antenor Nascentes fala, ao referir-se ao português do Brasil, em "nosso dialeto".

Mais adiante, Sílvio Elia afirma que a língua brasileira existiria irremediavelmente no dia em que a "afetividade" brasileira fosse tal, que não encontrasse ponto de contacto com a portuguesa. Isso supõe - fracionamento de cultura. Mais adiante, às pp. 112, diz Sílvio Elia: "Não acreditamos que o brasileiro saia do português, naturalmente, certamente, como julgam os srs.-Monteiro Lobato e Mário Marroquim. A base-comum da idéia de uma língua brasileira é a crença consciente ou inconsciente, de que assim como o português saiu do latim, o brasileiro sairá fatalmente do português.-

O Autor encerra dizendo que para Antenor Nascentes a língua nacional é, e será por séculos, a que recebemos de Portugal, pois não vê nele um ferrenho defensor da propalada língua brasileira.

A Posição de João Ribeiro

João Ribeiro teve duas atitudes: a primeira, de condenação ao "dialeto brasileiro", citando Rui Barbosa-: "Não se trata em verdade, de um *dialeto brasileiro* - (...); trata-se de um dialeto de maus escritores..."; a segunda, em sua obra "A - Língua Nacional", de defesa dos nossos modos de dizer, da consciência das nossas expressões, da nossa expansão psicológica através das palavras. No epílogo de "A -- Língua Nacional" ele afirma: "A - Língua-Nacional - é essencialmente a língua portuguesa, mas enriquecida na América, emancipada, e livre nos seus próprios movimentos". Com o que concorda plenamente Sílvio Elia.

A Posição de Herbert Parentes Fortes

Em sua tese "A Gramática e a Evolução da Língua Portuguesa no Brasil", ele diz que existe língua e linguagem: aquela sociológica e esta psicológica. O problema da língua brasileira não é um problema de linguagem, mas de língua. Portanto, tal problema só se resolve à luz da Sociologia. Ora, o fenômeno sociológico que marca nossos tempos - contrapõe Sílvio Elia - é o nacionalismo. Logo, devemos nacionalizar a língua que falamos. Nessas condições, sociologicamente, resta-nos aceitar ou repudiar o nacionalismo lingüístico.

A Posição do Prof. Gladstone Chaves de Melo

Gladstone corroborou a posição de Sílvio Elia ao afirmar "que o argumento - que insiste na separação necessária entre o Brasileiro e o Português não é sério, -- não merece maiores atenções" ("A Língua - do Brasil", 1a. ed., 1946, p.21).

Gladstone, criticando os defensores da "língua brasileira", pergunta: "De fato, qual seria essa língua brasileira? A do Nordeste? A do Extremo-Sul? A do Extremo-Norte? A do Sertão? Que região teria - prestígio social e cultura suficiente para impor a sua variante ao resto do país?" (idem, p.73). A seguir, o sr. Gladstone -- conclui, segundo Sílvio Elia acertadamente: "estudada com ânimo sereno e desapassionado, a tal "língua brasileira" se mostra por demais "língua portuguesa". (ibidem, p. 105).

Sílvio Elia critica, porém, a expressão de Gladstone *estilo nacional*, que chama de expressão antinômica, visto que --- *estilo* aponta para o individual e *nacional* para o social. Só aceita Sílvio Elia um estilo literário nacional na língua escrita, opondo-se ao português de Portugal. Já na língua oral do Brasil, as divergências entre a nossa maneira de falar e a de Portugal vão além do plano estilístico.

A Posição do Prof. Serafim da Silva Neto

Para o Prof. Silva Neto, a língua é uma instituição social que só se compreende

de quando situada no complexo das relações culturais. Para ele não deve haver divergências que justifiquem o anseio jacobino da rotura lingüística entre as duas pátrias.

O Prof. Silva Neto afina, em essência, com a conclusão de Sílvio Elia, já -- apresentada na 1a. edição de "O Problema da Língua Brasileira" (1940).

Outras Atitudes Em Face do Problema

Sílvio Elia faz alusão ao trabalho de Xavier Marques, autor de "Cultura da Língua Nacional"; ao do Prof. Cândido Jucá (Filho), que escreveu "Língua Nacional". Refere-se, ainda, ao sr. Solidônio Leite, que também não crê na formação de uma língua nova nesta banda do Atlântico.

Sílvio Elia destaca o livro do sr. Manuel de Paiva Boléo, "Brasileirismos (problemas de método)", para quem é grave defeito pôr em paralelo o português *literário* de Portugal com o português *popular* do Brasil, ou o português *popular* de Portugal com a linguagem *corrente* do Brasil.

d. Conclusão

Sílvio Elia conclui pela unidade lingüística entre Portugal e Brasil, estabelecendo a *diversidade estilística* entre os dois países.

2. "Preparação à Lingüística Românica"

A Evolução dos Estudos Românicos

a. A Direção Dialetológica

A Filologia Românica se afirmou ao bafejo das doutrinas neo-gramáticas. Dominavam idéias como a de que as línguas são organismos que nascem, crescem e morrem.-

Schuchardt opôs-se tenazmente contra tais idéias em seu opúsculo "Contra - os neogramáticos". Outro ponto em que desenvolveu idéias pessoais foi o relativo ao conceito de dialeto, atribuindo grande importância ao contato de língua e não re conhecia limites dialetais definidos.

Os estudos dialetoológicos encontraram o método ideal de pesquisa na organização das cartas geográficas.

b. A Geografia Lingüística

Em 1881, o lingüista alemão Georg Wenker editara em fascículo seis cartas, - com o objetivo de fixar foneticamente os limites dos falares alemães.

De 1902 a 1912, foram publicados os fascículos do Atlas Lingüístico da França, do suíço Júlio Gilliéron.

Gilliéron, em vez de inquérito por correspondência, à maneira de Wenker, preferiu o sistema de perguntas feitas *in loco* por um inquiridor, Edmond Edmont, que gastou quatro anos e meio para levar a cabo

a sua tarefa (1897-1901).

Gilliéron, interpretando as cartas, - escreveu sozinho ou de colaboração com discípulos e colegas, alguns trabalhos notáveis. Desses estudos decorreram novas maneiras - de compreender os fenômenos lingüísticos, - principalmente no domínio românico. Podem-se colocar em dois planos tais interpretações: o da *biologia da linguagem* e o da *sociologia da linguagem*. A biologia da linguagem ocupa-se com os fenômenos ditos de *colisão homonímica* (ex.: *gat*, na Gasconha, = *galo* ou *gato*). A sociologia da linguagem estuda a interpretação da história interna com a história externa das línguas, condicionando-as a fatores históricos e culturais.

c. Os Atlas Lingüísticos

Com o Atlas Lingüístico da França, ganhou a Filologia novas dimensões culturais e históricas, que lhe restituíram o encanto desfeito pelo mecanicismo positivista.

A trilha aberta por Gilliéron foi seguida por vários pesquisadores. Apareceram, então: o Atlas Lingüístico e Etnográfico - da Itália e da Suíça Meridional, o Atlante Lingüístico-Etnográfico Italiano della Corsica, o Atlas Lingüístico Romeno, o Atlas-Lingüístico da Catalunha, o Atlas Lingüístico Italiano, o Atlas Lingüístico de Portugal, e, no Brasil, o Atlas Prévio dos Falares Baianos, de Nelson Rossi.

d. Dialetos Românicos

Neste capítulo Sílvia Elia faz a divisão dialetal da România. Refere-se ao --

trabalho incansável do prof. Boléo, que elaborou o "Mapa dos Dialectos e Falares de Portugal Continental", chegando à delimitação de seis grandes falares: minhoto, transmontano, beirão, do Baixo Vouga e -- Mondego, de Castelo Branco e Portalegre, e Meridional. Refere-se à semelhança entre a nossa maneira de falar e a do sul de Portugal. Já o prof. Lindley Cintra -- distingue basicamente entre um falar do Norte e outro do Sul de Portugal, apresentando os traços fonéticos diferenciadores.

Meyer-Lübke apresenta os seguintes dialetos para o espanhol: ásturo-leonês, castelhano, aragonês e andaluz.

Quanto ao francês, há que se distinguir entre dialetos do francês do Norte e os do francês do Sudoeste (franco-provençal).

Júlio Bertoni divide os dialetos da Itália em: setentrionais; centrais e meridionais; toscanos.

Sílvio Elia encerra o capítulo mencionando o dialeto sardo (que não possui língua escrita), o romeno, o dalmático e o catalão.

3. "A Unidade Linguística do Brasil"

Perspectivas Socioculturais

1. A língua comum aos povos brasileiro e português é a mesma; essa língua-comum apresenta notável unidade, quer nas camadas cultas, quer nas populares.

2. Como instrumento a serviço de um grupo, a língua é um fato histórico a que os homens têm de submeter-se.

3. As línguas são produto e veículo das culturas; e contato de culturas é, ipso facto, contato de línguas.

4. Dã-se, então, contato de cultura superior com cultura inferior.

5. Foi a superioridade axiológica e pragmática da cultura ocidental que levou à vitória da língua portuguesa no Brasil - sobre as suas concorrentes indígenas e africanas.

Conclusões

Foram quatro os grandes movimentos - de devassamento e ocupação do solo pátrios nos três primeiros séculos de nossa História: o agrícola, o desbravador, o pastoril e o minerador.

1. Movimento agrícola.

Tivemos, com importação dos elementos léxicos dos idiomas negros, não um *crioulo*, entendida a expressão como designativa de uma língua mista já estabilizada, mas um estágio preparatório, que não chegou a vingar institucionalmente, ou seja, - aquilo que Serafim da Silva Neto chamou de *semicrioulo*, cujos traços gerais foram: a) na Fonética: os aloglotas falavam o português adaptando-o aos seus hábitos articulatorios. b) na Morfologia: houve simplificação das flexões, tendo como efeito a nominalização da fala. c) na Sintaxe: houve -- mais resistência da parte dos aloglotas, - pois a construção da frase está intimamente ligada à forma de pensar. Entenda-se: - sintaxe indígena. d) no Vocabulário: entraram à larga palavras de origem indígena: -

topônimos, nomes relativos à fauna, à flora, à culinária, à vida religiosa. Na verdade, entre nós, houve mais um processo de crioulização da língua portuguesa, do que a formação de um verdadeiro crioulo.

Ao Norte, temos hoje o português-base em contato com os falares afro-negros; ao Sul (S. Paulo), o contingente indígena era maior. Do que resultam duas grandes áreas lingüísticas dos nossos falares interiores: a *caipira*, para a modalidade sul, e a *matuta* para a modalidade norte.

2. Movimento desbravador

Realizou-se através das bandeiras, que quase sô falavam o tupi, como *língua geral*, difundindo-se na proliferação da toponímia.

O prof. Gladstone Chaves de Melo afirma que essa *linguagem bandeirante* deu origem ao *dialeto caipira*, com o que não concorda Sílvio Elia.

3. Movimento pastoril

Foi, do ponto de vista lingüístico, de extrema importância. A migração pecuária foi o grande fator sócio-econômico da unidade nacional. E, em consequência, também da unidade lingüística. O dialeto que os vaqueiros e os tropeiros propagaram é, portanto, a base da linguagem rural brasileira, hoje caracterizada como falares.

4. Movimento minerador

A respeito deste movimento Sílvio Elia nada fala.

A norma culta. As cidades brasileiras exerceram uma função de polimento e pa-

dronização da língua portuguesa no Brasil, tendo cabido ao Rio, primeira capital independente, a prerrogativa de tornar-se o cãdinho onde se elaborou a norma culta padrão brasileira.

Para Celso Cunha, a expulsão dos jesuítas foi fator decisivo para a implantação da língua portuguesa no Brasil, provocando o esmorecimento da *língua geral*. Com a afirmação final concorda Sílvio Elia; discorda, porém, da primeira. Para ele o decreto pombalino apressou um fato irreversível; não o produziu.

a. Apêndice I

Sobre a Língua Geral

1. João Ribeiro aceita a tese da interferência dos padres jesuítas na constituição da língua geral, que tomaram então por base o chamado dialeto tupi, "a língua mais usada na costa do Brasil", como afirma Anchieta.

2. O professor Matoso Câmara Jr. fala em "sistematização simplificada", que é o que se chama uma *língua franca*, gênero de que a *língua geral* seria espécie.

Para Sílvio Elia a língua geral não é um pidgin, nem mesmo uma língua franca, de que o pidgin é espécie. A língua geral surgiu de um esforço de aperfeiçoamento, de codificação, aos hábitos europeus. Segundo Sílvio Elia, a língua realmente falada pelos indígenas do litoral seria *falares tupis*; a língua disciplinada pelos jesuítas e usada para fins de catequese, a qual chegou até a ser escrita, seria a *língua geral*.

3. A língua geral foi corrente no - Brasil até meados do século 18, em duas - zonas principais: São Paulo e adjacências (Minas e Goiás) e Maranhão e Grão-Pará. Ao Norte, tivemos o *nheengatu* ("língua boa") e ao Sul, o *Abanheenga* ("língua da gente").

4. A língua geral foi implantada no século 16 ao longo da costa, levada para o interior no século seguinte (com as entradas e as bandeiras) e desapareceu em meados do século 18.

As cidades do litoral (administradas pelo branco) e os engenhos da zona da mata (cuja mão-de-obra era negra) foram repelindo o índio e os falares tupis para os sertões. Assim, a *língua geral* refugiava-se no interior do país, mormente em S. Paulo e Maranhão.

5. Aonde chega o negro, rareia o índio. Foi o que houve no Maranhão. Assim, a língua geral se foi aos poucos diluindo, sendo absorvida pelos falares que progrediam do litoral para o interior. Isso em meados do século 18.

6. As influências de substrato indígena foram, no Brasil em geral, em primeiro lugar no vocabulário. Mas não se deu no vocabulário de maneira geral e, sim, - nas palavras referentes aos setores *naturais* (fauna, flora, acidentes geográficos) e não *culturais* (alimentação, habitação, - vestuário, religião).

7. Segundo Serafim da Silva Neto, o tupi funcionou como um *adstrato* para os portugueses e somente como um *substrato* para os índios.

8. Quanto ao espanhol americano, crê Sílvio Elia que não se trata de americanismos, ao falar do *seseo* e do *yeísmo* - traços seus característicos - e, sim, de formas conservadas em solo americano. Ou então de evoluções paralelas, mas aceleradas no Novo Mundo, por motivos de ordem social. -

9. A língua espanhola falada na América Latina apresenta os seguintes caracteres:

No Peru, ocorre a modalidade mais conservadora e castiça. Lima foi a capital do império colonial espanhol e aí se fundou a primeira Universidade da América do Sul, a de S. Marcos (1551).

Para o Chile argumenta-se com um substrato araucano.

O Paraguai sofreu grande mestiçagem com as tribos guaranis, a ponto de serem os paraguaios bilíngües, conservando-se aí o espanhol mais puro do que no Chile ou na Argentina, p.ex.

Quanto ao espanhol da Argentina, usa Lope Blanch dois qualificativos: "anárquico e rústico", não caminhando no sentido de uma ruptura com a língua da antiga metrópole, mas no de a ela reaproximar-se.

10. Sabe-se, realmente, que a pronúncia brasileira está mais próxima da pronúncia quinhentista do que a do português atual. Por que não acompanhamos a *deriva* portuguesa? Segundo Sílvio Elia, tal fenômeno está ligado à natureza dos falares crioulos.

b. Apêndice II

Sobre as Línguas Crioulas

1. Para Lucien Adam (1886) e para -- Schuchardt, os falares crioulos eram idiomas constituídos por gramática indígena e vocabulário europeu. Com que concorda Rodolfo-- Lens. Para Meillet, língua crioula era a -- língua básica simplificada em boca de alo--glotas.

Para Serafim S. Neto, os crioulos-- são falares de emergência, com caracteres-- definidos e vida própria, que consistem na deturpação e simplificação extrema de uma-- língua, quando imperfeitamente transmitida e aprendida por gente de civilização infe--rior.

2. *Pidgin*. São dois os principais ti--pos de *língua franca*: o *pidgin* e o *crioulo*.

Pidgins : falares de emergência,-- nascidos do contato entre adultos portado--res de idiomas diferentes, mas que, por mo--tivo de ordem prática (comércio, geralmen--te), têm necessidade de comunicar-se.

Crioulos : línguas auxiliares de--contato que se convertem na língua nativa--de seus falantes.

Segundo Silvio Elia, no Brasil só--tivemos *semicrioulo*.

3. Caracteres do semicrioulo:

No léxico, houve mistura intervoca--bular. Na morfologia, houve a perda de fle--xões. Os verbos não têm flexão de tempo. Do

ponto de vista sintático, nota-se a conhecida tendência para o analitismo.

4. A grande semelhança entre os crioulos de diferentes partes do mundo levou à teoria de uma origem única para a teoria monogenética. O fundo comum desses crioulos teria sido de origem portuguesa, surgindo assim a doutrina de um *proto-crioulo português*.

Origem da palavra *crioulo*: segundo-Marius Walkhoff: "homem branco nascido -- numa colônia ou mestiço nativo, em contraste quer com o homem branco vindo da metrópole, quer com o escravo importado, de pele escura. Como adjetivo, *crioulo* significa aquilo que é nativo, *criado* no lugar."

5. Para Sílvio Elia, a presença do português na base de quase todos os crioulos gerados pelo movimento colonizador é indiscutível. Contudo, o Autor não aceita a teoria monogenista. Para ele a grande semelhança estrutural dos vários crioulos decorre de um similar processo de formação. Deve-se a fatores de ordem social e não a um conjunto de tendências evolutivas geradas da mesma placenta idiomática.

6. No Brasil Colonial, constituiu-se um tipo de falar crioulo que consiste na deturpação e simplificação de uma língua-base quando falada por aloglotas de estágio cultural inferior.

7. Quanto à entoação (do falar) não se pode afastar, de plano, a possibilidade de um influxo quer indígena, quer afro-negro.

8. No terreno da sintaxe, a questão

da colocação dos pronomes átonos na frase deve-se, segundo Sílvio Elia, à influência afro-negra indireta, isto é, por terem alongado de modo geral as vogais átonas, - os africanos teriam feito o mesmo com os pronomes átonos, dando-lhes assim maior - autonomia fonética na frase.

Sílvio Elia conclui: "a língua do - Brasil é essencialmente a língua portuguesa".

4. "Ensaaios de filologia"

Unidade e Diversidade Fonética do Português do Brasil

Pode-se constatar a notável unidade da língua popular do Brasil no campo fonológico.

Os falares correspondem à corrupção da língua comum. A simplificação dos falares (crioulos ou semicrioulos) dá-se na Morfologia (desaparecimento da flexão numérica por meio do s. Ex.: os home), na Sintaxe (construção de frases) e na Fonética (enunciação oral), objeto principal deste capítulo.

Sílvio Elia dividiu o mapa brasileiro em sete áreas: Amazônica, Cearense, Nordeste, Fluminense, Caipira, Sulina, Centro-leste, Centro-oeste.

Crítica: O Autor fala em sete áreas (p. - 178) e relaciona nove (p.230). Isso, sem falar na área do Grande Sertão, mencionada na referida p. 178: "Faltam elementos para duas grandes áreas: a amazônica e a do grande sertão".

Traços Fonéticos Gerais:

- I- A redução do ditongo ei a ê (ex.:bejo). Do ditongo ou a ô (ex.: comprô), e a redução do ditongo ai mais x a a (pa-xão).
- II- Alargamento em ditongo de vogal tônica seguida de sibilante (ex.: rapais).
- III- A, E, O tônicos nasalizam-se quando seguidos de consoante nasal (matãmos).
- IV- Fonema L^HE da Língua Culta, na Língua Popular se despalataliza ou passa a -ly (ex.: mulê, famia).
- V- Grupos consonantais desfeitos por vogal epentética (ex.: adjetivo, adevogado).

Traços Fonéticos Regionais:

- I- Protônicas abertas (ex.: vêrtude, no-Ceará).
- II- "ND" "N" - Há queda do d em *quano*, *tomano*, *comeno* (M.Gerais).

Traços Fonéticos Locais:

São dignos de atenção dois fenômenos próprios do dialeto caipira, assinalados - por Amadeu Amaral: o r inter e pós-vocálico linguopalatal e guturalizado (ex.: carta) - e ch e j que Amadeu Amaral denomina explosivos (ex.: acho=atcho).

As Consoantes Finais

Podem ser consoantes finais em português: m, n, l, r, s, z, x.

As nasais não há no português falado

no Brasil (exs.: home, b^ão, regime).

Quanto às sibilantes, numerosos são os casos em que s final não cai (exs.: --- duas casa, minhas fia) O z final soa como s (ex.: rapais) e o x reduz-se também à si bilante (ex.: c^ãlis).

A Líquidas Finais

São consoantes líquidas em português /l/, /lh/, /r/, /rr/.

Quando iniciais de sílaba, conservam-se (menos o /lh/); em posição pós-vocálica, porém, tendem a cair (ex.: rife por ri fle, no Ceará).

Grupos Consonantais Impróprios

É tendência geral do português do -- Brasil a epêntese nos grupos consonantais-impróprios. Ex.: adevogado.

Conclusões

Comparando-se, quantitativamente, os traços gerais com os regionais, predominam os primeiros. Chega o Autor à conclusão de *unidade* da língua, por causa de fatores de ordem histórica, decorrentes do processo - de colonização a que foi submetida a Améri ca Portuguesa.

As Vogais

Vogais tônicas. As fundamentais - são: a, e, i, o, u.

Vogais átonas. Iniciais: há certa tendência para a afêrese, principalmente - nos falares do interior do país (ex.: Zido ro por Izidoro). Finais: em posição átona-final, só se mantêm a vogal média e as vo- gais extremas: A, I, U. (ex.: crime). ----

Postônicas: nos proparoxítonos caem as pos-
tônicas (exs.: xicra, abobra).

Os Ditongos

A oposição em ditongos orais e -
nasais só subsiste em posição tônica: pau,
pão; mais, mães. Em posição átona final os
ditongos reduzem-se a vogais singelas: fo-
ro por foram; órfo por órfão.

Sílvio Elia, depois de se refe--
rir aos traços fonéticos das diferentes re-
giões do Brasil, conclui que sem o *Atlas-*
Lingüístico do Brasil a nossa Dialectologia
não pode progredir honestamente.

5. Considerações Finais

Depreende-se pela leitura das --
obras de Sílvio Elia que o Autor é um pro-
fundo estudioso da Filologia, apresentando
uma bibliografia variadíssima; comunga a -
idéia do prof. Silva Neto, segundo o qual-
a língua é uma instituição social, que só-
se compreende quando situada no complexo --
das relações culturais; assevera que a nos-
sa língua é essencialmente a Língua Portu-
guesa, concluindo pela unidade lingüística
entre Portugal e Brasil, estabelecendo, si-
multaneamente, a diversidade lingüística --
entre os dois países.

6. BIBLIOGRAFIA

1. Elia, Sílvio. *O problema da língua brasileira*, Rio de Janeiro, INL, 1961.
2. Elia, Sílvio. *Preparação à lingüística-românica*, Rio de Janeiro, Liv. Acadêmica, 1974.
3. Elia, Sílvio. *A unidade lingüística do Brasil*, Rio de Janeiro, Padrão, 1979.
4. Elia, Sílvio. *Ensaio de filologia*, Rio de Janeiro, Grifo/Mec., 1975.

